

FAZER-SE PROFESSOR: TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE LICENCIANDOS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE ¹

SALES, Luís Carlos – PPGEd/UFPI – lwis@ufpi.br
LOPES, Antônio de Pádua Carvalho – PPGEd/UFPI – apadualopes@ig.com.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender o modo como vai se constituindo a docência como profissão, a partir da análise da trajetória escolar de licenciandos e do estudo das representações sociais dos mesmos sobre a profissão docente. O trabalho aborda a formação de professores, enfocando sua dimensão psicossocial. As questões investigadas são as seguintes: (a) Qual o perfil do capital econômico, cultural e social dos licenciandos? (b) Como se constituiu, ao longo da trajetória escolar do licenciando, a opção pela docência? e (c) Quais representações sociais esses licenciandos têm construído sobre a docência como profissão? A pesquisa investigou estudantes que ingressaram no primeiro período de 2003 em onze cursos de Licenciatura Plena oferecidos pela UFPI: Biologia, Educação Artística (Música, Artes Plásticas e Desenho), Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras (Português, Inglês e Francês), Matemática, Pedagogia e Química. Os resultados revelam a existência, entre os licenciandos, de representações sociais com conteúdos negativos sobre a profissão docente. Essas representações podem mobilizar, em muitos desses estudantes, atitudes pessimistas em relação à profissão escolhida, vindo a afetar, sobremaneira, sua auto-estima. Constatou-se que muitas são as dificuldades enfrentadas pelos licenciandos para dedicar-se à sua formação: muitos são obrigados a conciliar trabalho e estudo; muitos deles possuem capital econômico e capital cultural baixos e, finalmente, tiveram trajetória escolar acidentada. Portanto, as representações sociais de professor, que os licenciandos partilham, evidenciam mais uma dificuldade na formação do futuro docente, aspecto que influencia negativamente o modo como os licenciandos se dedicam a sua formação.

Palavras-chave: Licenciando; Representações Sociais; Formação de Professor.

ABSTRACT

This study has as purpose to understand the built of as profession, from the analysis of school history of undergraduates and investigation of social representations of the same about teaching profession. The paper discusses teachers formation, focusing its psychosocial dimension. The following issues are investigated: (a) What is the economic capital, cultural and social profile of undergraduates? (b) How was the choice of teaching along the scholar trajectory of the studentas? and (c) What social representatios this undergraduates have built on teaching as profession? The search investigates students which began graduation in 2003.1, they belong to eleven teaching graduations affered by UFPI: Biology, Arts Education (Music, Visual Arts and Design), Physical Education, Philosophy, Physics, Geography, History, Languages (English, Portuguese and French), Mathematics, Chemistry and Pedagogy. Results reveal that social representations with negative contents about teaching profession among undergraduates. This representations can instigate podem mobilizar, in many of them, pessimistic attitudes about their chosen profession, fact that can affect their self esteem greatly. It was found that are so many difficulties faced by undergraduated durign

¹ Colaboraram com a pesquisa os bolsistas Jaderlan Noleto Bezerra e Juliana Brito de Araújo e a pesquisadora Fernanda L. de C. G. Lustosa.

the graduation period: many of them have to study and work at the same time, many have low economic and cultural capital and, finally, some of them have had school career rugged. Therefore, the social representations of teacher that the licensees share, show more difficulty in training the future teachers, aspect that influence negatively the way undergraduates are dedicated to their training.

Keywords: Licensing; Representations; Teacher Training.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca compreender o modo como vai se constituindo a docência como profissão a partir da análise da trajetória escolar de licenciandos e do estudo das representações sociais dos mesmos sobre a profissão docente. O trabalho aborda a formação de professores, enfocando sua dimensão psicossocial. Este tem sido um viés pouco explorado nos estudos da temática, apesar da profusão de pesquisas existentes e do leque de questões que estas contemplam. As questões investigadas são as seguintes: (a) Qual o perfil do capital econômico, cultural e social dos licenciandos?; (b) Como se constituiu, ao longo da trajetória escolar do licenciando, a opção pela docência?; e (c) Quais representações sociais esses licenciandos têm construído sobre a docência como profissão?

Na revisão da literatura, constatou-se que a análise da docência como ocupação enfatiza, dentre outros temas, a identidade profissional, a legislação e os currículos dos cursos de formação de professores. Constatou-se, também, que a maioria dos estudos que tratam de representações sociais sobre a profissão docente utiliza como sujeitos os próprios professores, evidenciando a necessidade de se estudar as representações sociais dos licenciandos sobre a docência, e a influência destas no modo como eles vivenciam a sua formação.

Escolheu-se, portanto, como um dos caminhos possíveis para a ampliação da discussão sobre a docência como ocupação, estudar o futuro professor, procurando, a partir da apreensão das representações elaboradas pelos licenciandos da UFPI, verificar que representações sobre a profissão de professor esses estudantes partilham, visando compreender uma possível relação entre tais representações e sua auto-estima. A trajetória escolar desses futuros professores, sua opção pela licenciatura, bem como suas origens social e cultural são informações importantes para a análise da temática em estudo. Neste trabalho, o olhar para os licenciandos mostrou-se relevante por trazer para a análise as trajetórias escolares e de vida do futuro docente.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Partiu-se do pressuposto de que as representações sociais elaboradas pelos licenciandos sobre a profissão docente orientam as atitudes e as expectativas construídas em relação ao curso escolhido, com possíveis reflexos na motivação dos licenciandos para sua formação. Pois, no processo de tomada de atitude, “o indivíduo sofre a pressão das representações sociais dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos” (MOSCOVICI, 2001, p.49). As representações sociais como fenômeno cognitivo, segundo Jodelet (2001):

envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que a ela estão ligadas (p.22).

Nesta pesquisa, tomou-se como pressuposto, ainda, que alguns conteúdos representacionais são capazes de afetar a auto-estima de indivíduos pertencentes a determinados grupos sociais, principalmente quando o objeto representado mantém estreita relação com as aspirações do grupo, como é a profissão de professor. É o caso do grupo dos licenciandos em relação ao conteúdo representacional que partilham sobre a profissão de professor. Neste caso, o objeto da representação social é “aspiração do grupo”: ser professor.

Como se procura estabelecer relações entre a teoria das representações sociais e as teorias do autoconceito e auto-estima, delimita-se, antes, o que vem a ser autoconceito e auto-estima.

O autoconceito é eminentemente social e tributário do meio no qual vive o indivíduo. Ele se estrutura e se desenvolve fundamentalmente através das percepções que “outros significativos” têm do sujeito (TAMAYO, 1981). Autoconceito é a “percepção que o indivíduo tem de si mesmo e das suas competências nos diversos domínios, percepção construída a partir das experiências do sujeito e das representações sociais dos outros significativos”. O autor afirma, ainda, que quanto mais bem sucedidas forem as experiências da pessoa, mais positivo será seu autoconceito. Segundo Correia (1991), os sentimentos positivos ou negativos que a criança tem sobre si mesma influenciam significativamente o seu relacionamento com os outros, o rendimento escolar, a sua saúde mental e a adaptação ao mundo que a rodeia. Neste sentido, o autoconceito tem sido relacionado positivamente com o desempenho acadêmico.

Por outro lado, a auto-estima, segundo Tamayo (1981), resulta da relação entre a competência que o sujeito julga possuir e a competência a que ele aspira. Cada pessoa atribui

um valor diferente ao sucesso em cada domínio da vida. Em conseqüência, se a competência avaliada é inferior à desejada, a auto-estima será baixa. Neste sentido, a história pessoal de êxitos e fracassos é determinante no processo de elaboração da auto-estima da pessoa.

Segundo Erthal (1986), os sentimentos de êxito e fracasso são de enorme importância, pois estão intimamente relacionados com o nível de aspirações do indivíduo. Um homem, cujas capacidades, conscientemente, lhe tenham trazido êxito, acha-se menos propenso a ser afetado por dúvidas e desconfianças a seu respeito. Então, a valência da auto-estima será, em parte, determinada pelas experiências anteriores. Portanto, enquanto o autoconceito é relativo ao conteúdo que a pessoa faz dela mesma, às características ou atributos utilizados para se descrever; a auto-estima refere-se à avaliação ou julgamento que a pessoa faz de seu autoconceito.

Considerando o acima exposto, é possível aproximar-se a teoria das representações sociais e as teorias do *self*: autoconceito e auto-estima, uma vez que julgou-se pertinente buscar pontos de contato entre essas teorias para compreender possíveis relações entre as representações sociais sobre a profissão de professor e o nível de motivação e dedicação dos licenciandos ao curso escolhido. Tal motivação é fortemente correlacionada com a auto-estima do estudante.

Foram utilizados, ainda, para entender a trajetória escolar dos licenciandos, os conceitos desenvolvidos pelo sociólogo Pierre Bourdieu, especificamente aquelas que correlacionam os capitais cultural, econômico, social e simbólico com as condutas e as atitudes dos estudantes diante da escola, sobretudo com as condições objetivas que regem as suas escolhas profissionais.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa desenvolve-se na cidade de Teresina-PI com licenciandos que ingressaram no primeiro período de 2003 nos onze cursos de Licenciatura Plena oferecidos pela UFPI: Biologia, Educação Artística (Música, Artes Plásticas e Desenho), Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras (Português, Inglês e Francês), Matemática, Pedagogia e Química.

Inicialmente, procedeu-se à elaboração e aplicação de um pré-teste para avaliar o questionário socioeconômico e cultural, utilizado como instrumento primeiro de coleta dos dados. O perfil socioeconômico dos licenciandos, obtido com aplicação do questionário, foi confrontado com o perfil fornecido pela COPEVE (Comissão Permanente do Vestibular da

UFPI). Este perfil serviu para caracterização dos sujeitos pesquisados. Para a segunda etapa da coleta de dados (seleção de 40 sujeitos para a entrevista), procedeu-se a uma hierarquização dos 478 sujeitos que responderam ao questionário, com o auxílio do programa estatístico SPSS. Esse procedimento levou em consideração os dados econômicos juntamente com os indicadores que revelam o nível do capital cultural dos sujeitos. Desse modo, os 40 sujeitos que participaram das entrevistas foram selecionados entre aqueles que tinham os maiores e os menores indicadores de renda e de cultura, ficando metade situada nas mais baixas posições da escala hierárquica e a outra metade nas mais altas.

RESULTADOS

Os resultados revelam que, dos licenciandos da UFPI, 67,2% encontram-se na faixa etária entre 18 e 21 anos, revelando certo atraso na trajetória escolar desses alunos. Destes, 53,8% são do sexo feminino, observando-se a existência de cursos eminentemente femininos (Pegagogia) e eminentemente masculinos (Matemática e Física). Constatou-se que 30,7% dos licenciandos exercem atividade remunerada (na maioria, a docência); 63,2% são mantidos financeiramente pelos pais e 28,5% fazem ou fizeram um segundo curso.

A Tabela 1 apresenta outras características dos licenciandos relacionadas, especificamente, a conteúdos curriculares obtidos em atividades realizadas fora do espaço de sua escolarização formal.

TABELA 1 - Perfil dos licenciandos: atividades extra-curriculares.

ATIVIDADE	SIM (%)	NÃO (%)	NÃO-VÁLIDOS (%)
Cursou língua estrangeira fora da escola	15,3	83,5	1,2
Fez curso de computação	71,5	28,0	0,5
Acessa Internet	59,2	39,7	1,1

Pelos percentuais apresentados na Tabela 1, infere-se que o nível socioeconômico da maioria dos licenciandos é baixo, especialmente quando se considera que apenas 15,3% deles fizeram curso de língua estrangeira fora da escola regular, pois, segundo Setton (1999, p. 466), o conhecimento de idiomas é um indicador de diferencial social. A atividade acesso a Internet não se revelou um bom indicador de aferição do nível socioeconômico dos licenciandos, uma vez que tal atividade pode ser realizada nos laboratórios da Universidade. O mesmo foi observado com a atividade curso de computação, pois, enquanto 71,5% afirmam ter feito curso de computação, apenas 29,0% possuem computador em casa.

Quanto ao nível de instrução de seus progenitores, observou-se que, no geral, a escolaridade das mães é mais elevada que a dos pais, havendo concentração maior da escolarização nos níveis de ensino fundamental e médio (completos ou incompletos) (86,1%). A presença das mães no acompanhamento da vida escolar dos licenciandos é revelada, nas falas dos sujeitos, de modo mais marcante que a dos pais, embora eles reconheçam, também, o papel dos pais no trabalho escolar realizado pela família. A ênfase na figura da mãe pode ser resultante, dentre outros fatores, do papel tradicional da mulher em relação ao cuidado com os filhos e, muitas vezes, da escolarização maior das mães. Ilustra este caso a fala abaixo: “meu pai é... meu pai ele demonstrou que ele se importava, mas minha mãe era quem estava mesmo em cima ali pressionando, vai estudar... esse tipo de coisa”s (estudante 337, mãe assistente social e pai segurança).

Foram realizadas análises de conteúdo nas entrevistas por meio da técnica de análise categorial, conforme Bardin (1977). Desse procedimento analítico, emergiram categorias de respostas às questões abertas formuladas aos licenciandos, as quais objetivavam apreender as representações sociais que os futuros professores partilham sobre a profissão docente, bem como saber o que foi determinante, ao longo da trajetória escolar do mesmo, na opção pela docência.

Quando perguntados se mudariam de curso se fossem chamados pela Reitoria para efetuar matrícula em outro curso, 25% responderam que mudariam. Percentual semelhante ao encontrado em resposta à pergunta *you want to be a professor?* Ou seja, a cada 4 (quatro) licenciandos, 1 (um) não quer ser professor.

Essa proporção talvez esteja relacionada com a expectativa de remuneração no exercício da profissão de professor, pois 55% têm baixa expectativa salarial, embora 40% pensem no prazer de dar aula e não na remuneração.

A escolha da docência como percurso formativo e futura ocupação parece localizar-se não nas expectativas relativas a salário ou a condições de trabalho, mas nas dimensões da produção e veiculação de conhecimento e da influência formativa sobre outros sujeitos, apresentadas como inerentes à profissão docente, tornando-a uma atividade especialmente sedutora.

Considerando a escala hierárquica definida pelos indicadores que revelam o nível do capital cultural e econômico dos sujeitos, verificou-se que, dentre os licenciandos que querem ser professor, 59,3% situam-se nas posições mais baixas da escala hierárquica e 40,7%, nas posições mais altas, evidenciando que a profissão de professor é menos atrativa para as

peessoas mais bem posicionadas na referida escala. Entre os que não querem ser professor, tem-se que 33,3% situam-se nas posições mais baixas da escala hierárquica e 75,0%, nas posições mais altas. As expectativas em relação ao *status* da docência na sociedade relacionam-se com a pouca atratividade da profissão docente para o grupo situado nas posições mais altas da escala hierárquica .

Analisando as respostas dadas à pergunta *qual disciplina você não gostava?*, verificou-se a existência de um grande divisor entre os licenciandos: os que gostam de cálculo e os que não gostam de cálculo. Os que gostam de cálculo estão nos curso de Matemática, Física e Química, geralmente detestam Português e disciplinas da área de Humanas:

Literatura (risos). Porque eu acho muito complicado entender a... uma idéia de um texto com forma literária e tem muito decorativo também... Acho que eu gosto mais da área de cálculo (Estudante de **Física**).

Não, não é questão de não gostar, eu tinha um pouco... tinha e tenho um pouco de dificuldade em gramática... oh... em Português (Estudante de **Física**).

A disciplina, assim que eu não gostava, acho que ... Inglês, Inglês eu nunca fui muito das melhores, até porque eu não tive bons professores, né? (Estudante de **Matemática**).

História, eu nunca gostei de História, porque História é... era muita coisa de História que tinha que estudar, e...que era tudo ao mesmo tempo de coisas passadas de governos... (Estudante de **Física**).

Os que não gostam de cálculo estão nos cursos de Pedagogia, Filosofia, História, Geografia, Letras, Educação Artísticas, Educação Física, etc., geralmente detestam disciplinas que envolvem cálculos matemáticos. Esse divisor parece ter sido determinante para a definição do curso que o licenciando concorreu ao vestibular:

Eu odeio, eu odeio matemática, matemática, química e física, se eu gostasse de química eu teria feito biologia, mas eu não me dou bem de jeito nenhum com química, por isso eu não fiz biologia (Estudantes de **Educação Artística**).

Eu não gosto de cálculo, eu não gosto de cálculo em hipótese alguma, eu gosto de ler, ler bastante, então História pra mim, Geografia seriam cabais, né? (Estudante de **Filosofia**).

[...] eu sempre fiquei reprovada em Matemática, meu problema sempre foi Matemática, que me maltratou muito, acho que sempre... Minha matéria preferida sempre foi Português, História, Geografia. (Estudante de **Pedagogia**).

Matemática e Física, são assim o bicho papão. Eu tinha uma dificuldade enorme de cálculo, de decorar a tabuada e fazer conta (Estudante de **Pedagogia**).

Matemática, eu acho assim que eu criei um... eu me bloqueava pra Matemática, sabe? Eu não tinha menor interesse nem em aprender, nem estudar, olhava praquelles livros de Física, Química, sempre eu odiei cálculo, eu não gosto não. (Estudante de **Pedagogia**).

Os depoimentos evidenciam que a preferência por certas disciplinas foi determinante na escolha do curso pelo licenciando. A lógica que prevaleceu na decisão foi fugir das disciplinas tidas como difíceis, revelando, assim, fragilidade na escolaridade da maioria dos licenciandos e um certo senso de realismo, “intuitivamente apreendido” (BOURDIEU, 2001), pois, ao desconfiarem que não conseguiriam passar para um curso muito concorrido no

vestibular, buscaram uma alternativa mais pragmática e mais viável. Segundo Bourdieu (2001, p. 47): “as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível”. Exemplifica isto as seguintes falas:

[Curso Biologia] porque era o que mais se aproximava do que o que eu queria [Medicina], acho que é isso” (Estudante de Biologia).

[Uma professora] fez eu me apaixonar por Química, não pela parte da licenciatura, mas pela parte de... é... bacharelado mesmo, trabalhar com a Química em si, tanto é que... ao final desse curso eu pretendo fazer complementação” (Estudante de Química).

Eu escolheria [o curso] de comunicação social porque eu me identifico mais do que com qualquer área de licenciatura” (Estudante de Geografia).

Mudaria [de curso] para Arquitetura. Porque era minha primeira opção na verdade (Estudante de Educação Artística).

[Escolhi Matemática] pela questão do acesso, a começar por isso, a gente sabe que pra entrar é muito difícil pela questão da concorrência, além de ser uma concorrência muito baixa (...) (Estudante de Matemática).

As licenciaturas muitas vezes tornam-se uma estratégia para atingir cursos mais concorridos:

Eu faço o Curso de Letras porque eu também já sou formado em História, então acredito que com o conhecimento que eu vejo em História somado com o conhecimento que eu posso adquirir é... em Português, oriundo do Curso de Letras vai me dar uma base pra que eu possa entrar no Curso de Direito (Estudante Nº 204).

Ao contrário das questões anteriores, analisadas acima, a pergunta seguinte faz uso de uma técnica projetiva, uma vez que, perguntando-se ao licenciando qual o valor que a sociedade atribui à profissão de professor, sua resposta percorria um caminho indireto: *não sou eu que penso assim, porém os outros (a sociedade)*. Um dos licenciandos assim se manifestou:

Eu penso assim: eu acho que eu dou o valor merecido aos professores, mas tem muita gente que não dá o valor certo pra essa profissão. Nunca parei pra pensar nisso, mas eu sou assim, uma pessoa centrada nas minhas respostas, sabe? O que importa é o que eu sei, e o que eu tô pensando mesmo. Eu dou o valor realmente necessário pro professor, mas eu tenho consciência de que a sociedade não dá muito valor pra isso (Estudante 337).

Na tabela 2, observa-se que os futuros professores consideram que sua futura profissão é desvalorizada socialmente, pois as três maiores categorias indicam que a sociedade atribui valor baixo à profissão de professor (Muito baixo, 60,0% - Desvalorizado, 15,0 - Não dão valor, 10,0). A categoria nº 4, com 7,5%, apontou em outra direção, ao dizerem que a profissão de professor está mais valorizada, deixando nas entrelinhas que tal profissão é ou era desvalorizada.

Tabela 2 - Qual o valor dado pela sociedade à profissão de professor?

Nº	CATEGORIAS*	%
1	Muito baixo	60,0
2	Desvalorizado	15,0
3	Não dão valor	10,0
4	Está mais valorizado	7,5
5	Criticado pelas pessoas	5,0
6	Discriminado	5,0
7	Respeitado pela sociedade	5,0
8	Reconhecido	5,0
	TOTAL	115

* Categoria com percentuais menores que 5 não foram listadas nesta tabela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas dadas à questão “qual o valor dado pela sociedade à profissão de professor?” revelam a existência de representações sociais com conteúdos negativos sobre a profissão docente, entre os licenciandos. Essas representações podem mobilizar, em muitos licenciandos, atitudes pessimistas em relação à profissão escolhida, vindo a afetar, sobremaneira, sua auto-estima, a qual acumula outros motivos para tornar-se baixa, uma vez que a trajetória escolar da maioria foi marcada por alguns insucessos, haja vista a existência de disciplinas nas quais não conseguiram bom êxito. Os sentimentos de êxito e fracasso estão intimamente relacionados com o nível de aspiração do indivíduo (ERTHAL, 2001), portanto, “as oportunidades objetivas se encontram transformadas em esperanças ou desesperanças objetivas” (BOURDIEU, 2001, p.49). Neste sentido, a aprovação no vestibular, embora represente uma vitória pessoal, representa resignação para muitos, uma vez que a competência avaliada para passar num vestibular concorrido de um curso de maior prestígio social é inferior à competência necessária e desejada.

Em síntese, todos esses motivos podem afetar negativamente a auto-estima de qualquer estudante, podendo comprometer, inclusive, a motivação, o interesse e especialmente a formação do futuro professor. Pelos dados levantados na pesquisa, observou-se que muitas são as dificuldades enfrentadas pelos licenciandos para dedicar-se à sua formação: muitos são obrigados a conciliar trabalho e estudo; muitos deles possuem capital econômico e capital cultural baixos e, finalmente, tiveram trajetória escolar acidentada. As representações sociais de professor, que os licenciandos partilham, evidenciam mais uma dificuldade na formação do futuro docente, aspecto que influencia negativamente o modo como os licenciandos se dedicam a sua formação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Alice Catani (Org.). 3.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

CORREIA, M. da L. Auto-percepção e auto-estima em crianças com repetência no 1º ciclo do ensino obrigatório. **Psicologia**, [S.l.], v. 8, n. 1, 1991.

ERTHAL, T. C. S. A auto-imagem: possibilidade e limitações da mudança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, jan./mar. 1986.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p.18-66.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p.18-66.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

TAMAYO, A. **EFA: Escala Fatorial de Autoconceito**. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 4, out./dez. 1981.